

Mário Maestri. *O sobrado e o cativo. A Arquitetura urbana erudita no Brasil escravista. O caso gaúcho*. Passo Fundo, Editora da Universidade de Passo Fundo, 2001.

Por Pedro Paulo A. Funari

O historiador gaúcho Mário Maestri tem produzido uma extensa literatura sobre a História do Brasil, em geral, e sobre as formas de exploração de trabalho, em particular<sup>1</sup>. A partir de uma abordagem marxista, Maestri propõe, agora, realizar uma empreitada original e pouco percorrida: o estudo da Arquitetura urbana erudita de forma crítica, fugindo do tradicional culto às elites do passado, ainda tão comum. Logo no início da Introdução (pp. 23-28), o autor ressalta a importância do “passado escravista [que] condiciona singularmente a civilização brasileira” (p.23) e que produziu uma certa homogeneidade urbana nacional. O Rio Grande do Sul, assim, funciona como um estudo de caso, a indicar os caminhos de pesquisa para outras regiões do país. Como historiador, o autor utiliza-se da documentação escrita, em especial as Posturas Policiais e as legislações municipais.

A permanência da rígida estrutura servil explica a profunda continuidade, em todas as esferas sociais, inclusive a Arquitetura, entre o Brasil colonial e o Brasil independente até a Abolição. Os senhores de escravos apropriaram-se do estilo europeu, da gramática estética neoclássica, adaptando-a à ordem patriarcal. O caráter pesado do sobrado urbano colonial registrava o poder despótico dos patriarcas sobre seus escravos e familiares. Nos balcões, a família senhorial participava das procissões religiosas, a fim de expressar a superioridade dos senhores em relação à plebe livre e à escravaria que se acotovelava nas

---

<sup>1</sup> Nesta mesma revista, consulte-se o número 9, 1999, 148-150, na qual outro livro publicado pela mesma Universidade de Passo Fundo foi resenhado.

ruas. O classicismo do período nacional reflete as idéias das rudes elites escravistas que se autoconcebiam como aristocratas superiores aos cativos e iguais aos seus pares. O estilo neoclássico, contudo, surgia em um contexto social muito diverso do original, pois inexístiam, aqui, camadas urbanas populares, não havia concidadãos, mas uma massa de subalternos, escravos ou livres<sup>2</sup>. Predominavam os interesses privados, pelo que Maestri enfatiza que a modernidade, no Brasil, acarretou o gradativo e incompleto desenvolvimento do espaço e da consciência públicos.

Na Colônia e no Império, o sobrado foi a unidade habitacional das elites, materializando a hierarquização social entre inferiores e superiores por meio da localização habitacional elevada das residências dos senhores em relação ao restante da população. Em seu interior, distinguia-se um andar térreo, destinado ao público e aos cativos e um andar superior, reservado à família patriarcal. Nos tempos coloniais, os quintais urbanos eram amplos e possuíam diversas funções. “Hoje, nos é difícil imaginar a atividade febril que animava os quintais das grandes residências, com senhoras organizando, com voz ríspida, os trabalhos atarefados de negros e negras domésticos” (p. 107).

No Brasil, a cozinha, de origem lusitana, foi expulsa do corpo da residência, tornando-se sinônimo de “lugar de negro” (de onde deriva a expressão “pé na cozinha”, para designar origem étnica africana, em nosso país). Os alpendres constituíam uma continuidade da residência senhorial, no relativo à interdição costumeira e proibição

---

<sup>2</sup> Compare-se com o que se passava nos EE.UU., Paul A. Shackel, Classical and liberal republicanism and the new consumer culture, *International Journal of Historical Archaeology*, 2,1,1998, 1-20. O uso de modelos interpretativos úteis para a sociedade burguesa torna-se insustentável no contexto patriarcal brasileiro, o que, às vezes, não é levado em conta quando da importação de metodologias de pesquisa.

simbólica de os subalternos penetrarem nas moradias senhoriais, em particular pela porta principal. Uma das características da sociabilidade colonial consistia na superposição de funções dos ambientes, servindo um mesmo aposento para diversas funções e atividades, superpostas ou não, no decorrer do dia ou da semana. As moradias urbanas das elites desconheciam ambientes especializados, à diferença do que ocorria na Europa ou nos Estados Unidos à época<sup>3</sup>. Nossos aristocratas não eram burgueses.

A partir da segunda década do século XIX, as câmaras municipais ampliaram as medidas de normalização do espaço privado, a começar pelo alinhamento das fachadas residenciais. As medidas aplicavam-se ao centro senhorial, em torno à praça da matriz e atingiam muito menos as casas comerciais e o grosso da população que vivia na periferia, entendida como tudo que estivesse fora do estricto raio em torno à praça. Determinam-se a pintura periódica, o telhamento das casas, a numeração, iluminação e os rudimentos de serviços urbanos. Maestri destaca o papel do trabalho servil urbano, lembrando que as residências mais ricas possuíam dezenas de cativos domésticos. Nas mansões, todas desprovidas de banheiros, cabia aos escravos o serviço de lavagem e banhos dos senhores, assim como o recolhimento dos excrementos, na forma de cabungos, recipientes transportados periodicamente pelos serviçais para cursos d'água, prática que perdurou, em Porto Alegre, até...1962! Definitivamente, a Arquitetura e o modo de vida não eram burgueses, eram senhoriais.

Maestri apresenta, assim, uma contribuição original ao estudo da nossa Arquitetura. A introdução de estilos e mesmo de artefatos burgueses, usados na Europa e nos Estados Unidos pela nascente burguesia foram importados pelas elites patriarcais brasileiras mas, aqui, produziram um efeito muito peculiar, ao reforçar a dicotomia entre subalternos e senhores. De fato, a sociedade brasileira, com bem ressalta Maestri, funda-se em sólidas

---

<sup>3</sup> Cf. Johnson, M. *An Archaeology of Capitalism*. Oxford, Blackwell, 1996, pp. 155-178.

raízes patriarcais e servis. Sociedade aristocrática, antes que burguesa<sup>4</sup>, cujas permanências senhoriais ultrapassam o período escravista e imprimem características ainda importantes no Brasil contemporâneo<sup>5</sup>. A introdução de uma Arquitetura erudita neoclássica, assim como a importação de todo um aparato de artefatos de aparato, não implicou uma adoção de um modo de vida burguês. A pesquisa de Maestri, voltada para um único estado e a partir dos registros escritos, indica caminhos a seguir tanto em outras partes do país, como a partir de outros tipos de documento, em particular, pela cultura material, que pode produzir informações únicas a esse respeito. Além disso, uma visão crítica das habitações aristocráticas apresenta importância excepcional, em um país ainda acostumado a discursos e exposições que se voltam para o elogio aberto às elites, de forma ahistórica comparadas àquelas burguesas de Paris ou de Londres<sup>6</sup>. Neste processo, estudiosos de diversas disciplinas poderão contribuir, não apenas historiadores, mas também arquitetos e arqueólogos, entre outros<sup>7</sup>. A publicação desta obra, portanto, indica caminhos e fornece pistas para pesquisas futuras e, não fossem outros os méritos, só isto já bastaria para mostrar sua importância.

---

<sup>4</sup> Cf. Gorender, J. *O escravismo colonial*, Ática, São Paulo, 1978; Cardoso, C.F.S. *Agricultura, escravidão e capitalismo*, Vozes, Rio de Janeiro, 1982; Alencastro, L.F. Continuidade histórica do luso-brasileirismo. *Novos Estudos Cebrap* 32: 77-84, 1992.

<sup>5</sup> Cf. Ianni, O. Debate. *Encontros com a Civilização Brasileira* 1: 195-204, 1978; Ianni, O. Negritude e cidadania. *Cadernos PUC* 2: 11-36, 1980; Chauí, M. Messianismo e autoritarismo são heranças da colonização. *Folha de São Paulo, Mais!*, 10/11/92, p.6, 1992; Da Matta, R. Nepotismo, e jeitinho brasileiro. *Jornal da Tarde, Caderno de Sábado*, 9/7/91, pp. 4-5, 1991; Fernandes, F. Entrevista. *Isto é* 1350: 26-27, 1995; Funari, P.P.A. Historical archaeology from a world perspective, in P.P.A Funari, M. Hall & S. Jones (eds), *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres, Routledge, 37-66, 1999.

<sup>6</sup> Exemplo disso constitui a exposição temática no Museu Paulista, inaugurada em setembro de 1996, sobre “Louças domésticas”; cf. críticas e propostas menos elitistas em Funari, P.P.A. Rescuing ordinary people's culture: museums, material culture and education in Brazil, in Peter G. Stone & Brian L. Molineaux (ed), *The Presented Past, Heritage, museums and education*, Londres, Routledge, 120-136, 1994; Considerações sobre o profissional de museu e sua formação, *Anais da II Semana dos Museus da Universidade de São Paulo*, São Paulo, USP, 81-86, 1999.

<sup>7</sup> Cf. Funari, P.P.A. e Zarankin, A., A social archaeology of housing from a Latin American perspective: a case study, *Journal of Social Archaeology*, 2, 2002.